

---

## Combate à desinformação nos âmbitos acadêmico e profissional: Pré-bunking e comunicação educativa agenciando soluções em torno da Agenda 2030<sup>1</sup>

Ana Paula de Moraes TEIXEIRA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG

Reynaldo José Gonçalves Júnior<sup>3</sup>  
Universidade Federal Fluminense - RJ

**Resumo:** O objetivo deste texto é apresentar um estudo em desenvolvimento sobre algumas estratégias planejadas no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia, que, em parceria com a Universidade Federal Fluminense e a Rede Conecta de combate à Desinformação, elabora um esquema programático Pré-bunking. A partir do estado da arte já disponível sobre a temática, o estudo dá prioridade a um recorte que concilia intervenções acadêmicas e profissionais, no esforço de produzir um material instrucional cuja finalidade é mitigar os efeitos perversos de conteúdos falsos ou enganosos nos jovens, em especial os secundaristas do sistema público de ensino. Além dos aspectos teóricos que abordam especificamente as pesquisas e materiais “vacinais” para prevenção contra esses conteúdos, há uma série de ações intervencionistas em curso, realizadas sob forma extensão universitária, algumas das quais descritas de forma sumária neste *paper*.

**PALAVRAS-CHAVE:** pré-bunking; desinformação; agenda 2030; educomunicação; PET (Programa de Educação Tutorial).

### Introdução

As atuais ações do governo federal, do jornalismo e da sociedade civil para combater a desinformação são reflexo de como a sociedade pode estar sendo negativamente acometida pelo espalhamento de construções semânticas (aqui tratadas como narrativas) acirradas por guerrilhas ideológicas digitais, cujas articulações não contribuem nem para a paz, nem para um debate sadio sobre pautas como política, costumes e saúde pública. A redução na vacinação de crianças e como consequência a volta de doenças anteriormente consideradas erradicadas, como a poliomielite, é uma das consequências de uma movimentação anti-ciência “patrocinada” por versões (ou narrativas) equivocadas sobre efeitos da vacina, que já era uma questão anterior à pandemia de COVID-19, mas que, a partir dela, cresceu em tamanho e em importância

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Educação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, Professora do curso de Jornalismo da UFU, e-mail: [anapmt@gmail.com](mailto:anapmt@gmail.com); bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC na Universidade Federal de Uberlândia).

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense.

---

pela irradiação de sequenciais campanhas contra a vacinação. Da mesma forma, outras pautas relativas ao bem-estar imediato ou futuro da população têm sofrido ataques cada vez mais ideologizados, entre as quais também se destacam questões relativas ao aquecimento global e várias relacionadas aos direitos humanos fundamentais, especialmente as que evidenciam valores e costumes da agenda conservadora. Com a finalidade de implementar um critério didático para seleção de que pautas priorizar no desenvolvimento de uma ação praxiológica intervencionista de combate à desinformação, tomou-se como indicadores os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) ensejados pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), preconizada em 2015 na convenção de Paris.

Em razão de tantas controvérsias, notadamente desde que grupos extremamente conservadores ascenderam a importantes papéis sociais, a subjetividade dos atores, potencializada pela facilidade da comunicação ponto a ponto, tem agenciado uma divulgação sem precedentes de informações montadas, distorcidas ou simplesmente inventadas, para fazer coro a uma voz de contraditório por muito tempo reprimida no âmbito de expressão dos valores sociais, mas que se edificou a reboque de insuflação política e intolerância à diversidade. Esse tema, pois, é a base de reflexão que coloca em movimento um projeto de pesquisa cujo objeto concreto é uma ação de educação midiática para instrumentalizar alunos de comunicação e de pedagogia, e também alunos do ensino médio, a se utilizarem de técnicas para detecção e checagem de desinformação, em primeiro plano; mas também elaborarem, em segundo plano, estratégias de inoculação (aqui chamada de Pré-bunking) sobre como a engrenagem de manipulação ideológica se impõe, que mecanismos de distorção fazem uso e como é possível se “imunizarem” de conteúdos enganosos.

Trata-se de uma pesquisa praxiológica<sup>4</sup>, que leva da Universidade para os ambientes educativos ‘extra-muros’ instrumentos e ferramentas de experimentação para tratamento das questões emergentes da agenda 2030, tais como aplicação de jogos específicos (como Go Viral e Bad News, nas versões em português), dinâmicas dialógicas, tendo OSINT (*Open Source Intelligence*) como suporte, e debates realizados em rodas de conversa sobre a desinformação e o contexto da pós-verdade, incluindo as

---

<sup>4</sup> Método que busca compreender as ações humanas e os fatores que as levam a praticar determinadas ações para atingirem seus propósitos. As raízes da etimologia (polonesa) remontam à “teoria geral da atividade eficaz” (ABBAGNANO, 2007, p.922)

---

discussões sobre seus impactos nos desdobramentos sociais e políticos contemporâneos. Também estão sendo realizadas compilações de dados necessários à fundamentação dos pressupostos iniciais e finais, incluindo os que situam os conceitos tratados na fundamentação, assim como a utilização de estudos organizados por entidades reconhecidas por suas contribuições sobre o tema, como *The Trust Project* e *First Draft*.

**Fundamentação teórica:** A imprensa tem papel preponderante no agendamento da esfera pública; mas quando se trata do assunto desinformação, a maioria dos principais organismos de comunicação tende a realizar a mesma tarefa: checar a veracidade de conteúdos possivelmente falsos ou distorcidos e divulgar, por meio da web, os apontamentos contraditórios à mensagem enganosa circulante. Assim, perdem em volume e em repercussão, considerando que o compartilhamento da desinformação, pelo apelo e aderência às convicções, emoções e sentimentos, são mais ajustáveis ao viés de confirmação ideologicamente aparelhados do que a refutações cujos formatos não são adequados para propagação em massa, principalmente porque extensos em seus conteúdos argumentativos. De forma que, um dos pressupostos da pesquisa em curso, é o de que não basta, por parte dos grandes veículos de imprensa, fazer o *fact-checking* dos conteúdos duvidosos, falsos ou enganosos, mas sim, de que é preciso também repercutir estrategicamente tais apurações, e que, a despeito de todo o trabalho envolvido na apuração, a divulgação nua e crua do contraditório não é suficiente para desmonte da engrenagem de manipulação de opiniões, especialmente com relação aos públicos mais vulneráveis à influência desses conteúdos, como é o caso do público jovem alvo do experimento ora proposto.

A extensa bibliografia e parâmetros epistemológicos de formação de uma recepção ativa, como aquelas tratadas pela Escola latinoamericana de comunicação, notadamente representada por Jesus Martin-Barbero, Mario Kaplun, Guillermo Orozco e Luiz Beltrão, influenciaram fortemente o circuito de *media literacy* proposto desde os últimos 30 anos, tendo como inspiração a pedagogia da autonomia de Paulo Freire. Porém, as discussões atuais entre acadêmicos, profissionais e agentes que atuam em organizações da sociedade civil dão conta de que o olhar crítico e uma alfabetização para leitura crítica de meios e mensagens já não são suficientes, porque, nos meandros da pós-verdade, além de opiniões importarem mais do que os fatos, elas agora se transformam em algoritmos-alvos da economia política da atenção (tal como define Christian Fuchs, 2014) – o grande modelo de negócio das plataformas digitais, desencadeando um adensamento de estímulos e

sugestões baseadas em mais dos mesmos, (crenças e convicções), impedindo um alargamento de perspectivas, de visões e possibilidades de ponderação sobre o que se recebe, sobre o que é estimulado, e quiçá, pautando não apenas sobre o que pensar, mas também como agir.

Assim, para arregimentar um fluxo mais avançado de combate às campanhas de desinformação, mais do que uma apropriação funcional das checagens realizadas pelas agências de *fact-checkings*, e para além de um estímulo à leitura crítica de mídia, as orientações mais atuais sugerem uma metodologia conhecida por Pré-bunking; cuja função é uma espécie de “inoculação psicológica” (ROOZENBEEK; VAN DER LINDEN, 2021) como instrumento de precaução a possíveis desordens informacionais. O próprio conceito de desordem informacional colide, em certa medida, com o que o senso comum define como *Fakenews*, tendo como justificativa a máxima de que, se é News (notícia) não pode ser Fake (falso), assumindo, como desdobramento, o eixo de conceitos melhor definido como desinformação (que são aquelas criadas deliberadamente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país). Na língua inglesa, há diferenças, ainda que sutis, sobre como a desinformação é construída, se por *malinformatuion* ou *misinformation*, sendo a primeira aquela baseada na realidade, usada para infligir danos a uma pessoa, grupo social, organização ou país, o que a distingue da segunda forma, (que se admite como falsas, mas não criadas com a intenção de causar danos); ainda que ambas resultem, de qualquer modo, em distorções da realidade.



Figura 1: “Desordem da informação”.

---

## Definindo Pré-bunking na veia aberta da América Latina

A definição do vocábulo (em inglês) “debunking” significa desacreditar, desmascarar. Essa é uma das principais tarefas realizadas pelas organizações de *fact-checking*, ligadas ou não a empresas de comunicação, que se encarregam de apurar boatos e conteúdos enganosos<sup>5</sup>, no todo ou em parte. A atividade de fact-checking, realizada por parte dos grandes veículos de imprensa, realiza a checagem e apuração de informações de conteúdos duvidosos, falsos ou enganosos que circulam na internet e por meio de aplicativos de mensagens ponto a ponto.

Porém, a divulgação e repercussão dessas informações apuradas não alcançam o impacto dos conteúdos falsos espalhados pela rede, o que sugere que, a despeito de todo o trabalho envolvido na apuração, a divulgação nua e crua do contraditório não é suficiente para desmonte da engrenagem de manipulação de opiniões, especialmente com relação aos públicos mais vulneráveis à influência desses conteúdos.

As limitações alcançadas pelos antigos modelos de alfabetização midiática, como os estímulos para a Leitura Crítica da Comunicação (estratégia que teve seu pioneirismo no Brasil ensejada pela CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) e todas as atuais lutas promovidas por coletivos da sociedade civil organizada ainda não encontraram uma maneira de encontrar escuta exatamente nos públicos resistentes às agendas científicas, progressistas e defensoras dos direitos humanos em toda a plenitude. Mas enquanto um termo possível para penetração e mudança nas disposições latentes ou manifestas não é claramente identificável, projetos de sensibilização são realizados por organizações em todo o mundo.

Um exemplo é o material instrucional organizado e disponibilizado pelo Governo do Reino Unido, que trata, entre suas estratégias, de Pré-bunking, por meio de um Kit de ferramentas chamado RESIST 2. Em uma de suas seções, denominada

---

<sup>5</sup> Ao longo deste *paper* há um certo cuidado em evitar termos como “notícia falsa”, ou “*fakenews*”, com a finalidade de fazer coro e concordância com o pressuposto de que, se é notícia, não pode ser falsa, se levadas em conta as principais referências do jornalismo profissional. Já informação falsa é um termo admissível, devido à ampla cadeia de conceitos que cobrem o sentido de informação.

---

“Comunicação Estratégica”, o conteúdo apresentado enumera um rol de princípios de boas práticas, da OCDE, para respostas de Comunicação Pública à desinformação.

Os princípios listados são: transparência, inclusão, capacidade de resposta, sociedade como um todo, comunicação orientada pelo interesse público, intervenções institucionalizadas e baseadas em evidências, pontualidade em seus mecanismos, preparadas por uma antevisão à evolução, e, finalmente, com foco na prevenção. A prevenção não é, do ponto de vista da ordem de aparição na sessão, a última enumerada, porém a indicamos em nossa enumeração por último, porque diz respeito ao aspecto prioritário para o qual volta-se essa discussão.

Assim, o princípio de prevenção de que trata o kit de ferramentas, indica, textualmente, que

As intervenções do governo são projetadas para evitar rumores, falsidades e conspirações para impedir que informações potencialmente prejudiciais ganhem força. O foco na prevenção exige que os governos identifiquem, monitorem e rastreiem conteúdos problemáticos e suas fontes; reconhecer e preencher proativamente as lacunas de informações e dados para reduzir a suscetibilidade a especulações e rumores; entender e antecipar táticas, vulnerabilidades e riscos comuns de desinformação; e identificar respostas apropriadas, como “pré-bunking” (RESIST 2, 2022)

Por óbvio, é preciso situar, ou mesmo ponderar, que uma tática recomendada para ações governamentais – no caso, de comunicação pública – não pode simplesmente ser transportada para o foro do agenciamento individual na recepção de informações. Porém, a discussão sobre a natureza lato sensu desse tipo de tática, interessa, e muito, à proposta a que se pretende no âmbito de uma sensibilização de sujeitos para o combate à desinformação, quando interpretamos o que há de diferenças e repetições de contextos no âmbito do Brasil.

Ou seja, guardadas as devidas proporções e diferenças, tanto a comunicação governamental quanto a agenciada pelo próprio sujeito podem lançar mão de medidas protetivas e preventivas com relação às suscetibilidades, vulnerabilidades e riscos comuns provocados pela desinformação. E ainda que o Reino Unido tenha à frente um governo conservador desde antes de sua saída da União Europeia, tem demonstrado certa preocupação em relação à opinião pública sobre os impactos e os ônus provocados pelo

---

*Brexit*, por isso não é de se espantar que haja um material instrucional exclusivamente preparado para combater a desinformação, (cuja última edição data de 2022) uma vez que muitas campanhas de desinformação, antes de depois do *Brexit*, afetaram e ainda afetam na forma como os britânicos se posicionam.

Assim, a publicação RESIST 2 para comunicação governamental, não só identifica a tática de “Pré-bunking” como uma medida proativa de proteção, como também discorre em torno do sentido de “pré-bunk” algo como um tipo de “neutralização proativa”.

Tática de filtragem preventiva, simulação de um cenário falso imediatamente refutado com intuito de prevenção, alertas sobre hipóteses de manipulação; há muitas formas de se compreender o que esperar de um Pré-bunking, porém, ainda no documento RESIST 2 faz-se referência a termos que têm sido fortemente incorporados no Brasil, como “inoculação” ou “vacinação” contra a desinformação.

Nessa mesma linha de raciocínio, estudos recentes atualizam o que há mais de 50 anos tem sido denominado como “Teoria da Inoculação”, (COMPTON, VAN DER LINDEN, COOK, BASO, 2021) “que procura explicar como a imunidade a mensagens contra atitudinais é conferida pela exposição preventiva das pessoas a pequenas doses de informações desafiadoras”<sup>6</sup>, como narrativas retóricas, tais como as utilizadas em debates políticos; ou então como pressões persuasivas para forçar comportamentos contratendências, tal como é o caso de estímulos ao tabagismo.

No Kit de ferramentas o “pré-bunk” no âmbito da comunicação pública é expresso usando a seguinte recomendação: “antecipe informações erradas e desinformadas por meio do monitoramento da mídia e avaliação de riscos e prepare-se para alertar preventivamente o público” (RESIST 2, 2022, s/p).

As formas de sensibilização por meio de comunicações direcionadas a um coletivo ou a um público maior também serão importantes para o projeto em curso, tais como as que são apresentadas pelo Kit de ferramentas RESIST 2. Estabelecendo um paralelo com a “vacinação” por meio de fármacos, é possível que se construa um

---

<sup>6</sup> Traduzido pelo aplicativo *Google Translate* e revisado pela autora.

---

ferramental eficiente com estratégias de inoculação direcionadas para grandes públicos, naquilo que ficou conhecido no passado como “imunização de rebanho”, e que atualmente são chamadas de “imunização de massa”.

Porém, a discussão sobre como atingir esse patamar passa por estratégias que abarcam desde a criação de políticas públicas complementares de inovação cívica (como projetos de educação política) até a fiscalização e o monitoramento pela sociedade civil e poderes da União para se exigir das plataformas mediadoras do debate público na arena digital uma moderação mais ostensiva; transparência nos critérios de sugestão de conteúdos e repressão e punição por conteúdos falsos que ponham vidas e direitos em risco, incluindo incitação à violência. A questão é que essas são discussões polêmicas porque envolvem abordagens sobre liberdades e preservação de direitos (autorais, por exemplo), cujos posicionamentos dividem opiniões.

No caso do esquema programático envidado por nosso projeto, cujo percurso está apenas no início, a equipe ainda se debruça sobre como engendrar táticas de Pré-bunking a serem agenciadas pessoa-a-pessoa. Os modos de sensibilização vão depender mais da eficiência da ação a ser imprimida do que o quantitativo do público a ser alcançado. Assim, medidas sugeridas pelo Kit de Ferramentas como contra narrativas previamente elaboradas, no âmbito de análise do Grupo de Pesquisa O2PAD (Observatório da Opinião Pública na Arena Digital) não são tão eficientes no foro de agenciamentos individuais, na medida em que encontra resistências em sua câmara de eco. Perfurar as bolhas e compreender como diminuir essas resistências fazem parte dos desafios a serem superados pelos grupos da parceria envolvida neste Projeto.

Atividades lúdicas como gamificação, quizzes e dinâmicas com memes são instrumentos de alfabetização midiática que podem ser trabalhados como opções para reforçar a resiliência no escopo da comunicação proativa, permitindo com essas ações, implementar a estratégia de inoculação. O conjunto de ações, táticas e investidas pelos propósitos anteriormente citados constituem uma comunicação estratégica Pré-bunking de combate à desinformação.

É fato que autores como Altay, Berriche e Acerbi (2023) defendem um posicionamento extremamente crítico em relação ao dimensionamento dado ao

---

espalhamento de desinformações, abordando algumas “evidências” de que a prevalência e o impacto da desinformação são ampliadas, incluindo o pressuposto de que a influência de notícias falsas em grandes eventos sociopolíticos é exagerada, utilizando como referência autores como Guess *et al.* (2020). Porém, para grande parte dos pesquisadores do Brasil, que ainda têm como nebulosos os indicadores sobre o volume da comunicação ponto-a-ponto em que essas desinformações fluem livremente, nas trocas de mensagens por aplicativos de conversas, como o WhatsApp ou o Telegram, incluindo disparos em massa, é possível que essa premissa não se sustente, haja visto exemplos como os atos populares antidemocráticos de 08 de janeiro de 2023.

A missão do projeto é, pois, sem perder de vista as tendências mundiais de movimentações anti-científicas e negacionistas, identificar as necessidades, premências e óbices de expansão da discussão sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, em suas 169 metas, elas próprias já em franca revisão e ampliação, e averiguar quais temas são mais emergentes para se pautar o esquema programático nas escolas públicas.

Ainda que estudos do tipo “choque-de-realidade” nos chamem a atenção, como esse de Altay, Berriche e Acerbi (2023) sobre os limites da romantização e de ondas e modismos temáticos, uma coisa é certa: o que é realidade nos Estados Unidos pode não servir para o contexto brasileiro. Infelizmente, a bibliografia disponível contempla muito pouco estudos originários da América Latina e Caribe, o que confere ainda mais responsabilidade aos trabalhos de Pré-bunking engendrados sob nossa veia e nosso viés.

### **Estratégias adotadas para agenciamento de Pré-bunking no âmbito do Projeto**

Aprofundar sobre ações e efeitos do Pré-bunking, além de pano de fundo necessário à fundamentação da pesquisa em curso, também ajuda a endereçar as opções metodológicas em que devem se apoiar as intervenções dos agentes. Porém, um dos grandes obstáculos inerentes ao trabalho é o próprio desconhecimento sobre o que são esses tipos de ações. Qualquer que seja a apresentação ou solicitação, via de regra, exigem-se esclarecimentos e indicação de modelagens, sempre de maneira didática e ilustrativa, para arregimentar adesões, autorizações e colaborações e parcerias necessárias ao projeto em curso.

---

Portanto, a opção pela edição de uma cartilha instrucional como material de apoio ao trabalho dos agentes foi um dos primeiros recursos a ser pensado, em que se pese o desafio de se produzir um material de consulta digital, interativo, responsivo e intuitivo.

Outra grande preocupação tem sido simplificar as definições de forma a serem compreendidas por outros agentes multiplicadores, e assim que o esquema programático estiver completo, estar disponível para ser replicado por qualquer interessado que tenha o combate à desinformação como prioridade e queira aplicá-lo ao ecossistema dialógico de sua área de responsabilidade – assim como em instâncias em que circulam os saberes, como por exemplo, pastorais, coletivos, atléticas, ONGs, projetos sociais, enfim, qualquer forma de agrupamentos – ainda que o formato original “piloto” esteja sendo empreendido para jovens entre 13 e 18 anos.

Pela prioridade desta faixa etária, uma das estratégias mais viáveis para se agenciar a sensibilização, levando-se em conta os temas definidos como prioritários, é a produção de vídeos, tanto de cobertura de ações *in loco*, reportando a concepção, o engajamento e a progressão do projeto, quanto educativos, contendo orientações, pistas e recomendações sobre ferramentas, meios e processos a partir dos quais é possível se “imunizar” de mensagens enganosas, veículos “nocivos” e campanhas de desinformação.

Essas estratégias de mediação (cartilha digital e vídeos) são recursais, e o projeto estabelece outras cujo caráter seja a formação e a divulgação. Entretanto, as diretrizes mais robustas entrelaçadas ao projeto dão conta de que são as ações continuadas (de pesquisa, de sensibilização e de extensão) as estratégias mais adequadas para resultados profundos e de transformação do atual estado de coisas.

É inegável o valor das parcerias<sup>7</sup> entre acadêmicos e profissionais, o intercâmbio entre graduandos e agentes da educação pública, entre pesquisadores de diferentes universidades e grupos de pesquisa. No entanto, são as transformações agenciadas nesses diferentes sujeitos que podem resultar em intervenções significativas, não apenas com construções de soluções pontuais ou localizadas, mas como atores protagonistas no

---

<sup>7</sup> É preciso reconhecer aqui a disponibilidade de parceria do Grupo de Pesquisa Retórica do Consumo, da Universidade Federal Fluminense, liderado pelo Prof. Dr. Guilherme Nery Atem, sem a qual a progressão e o planejamento do projeto não teria sido possível da forma como foi.

---

processo permanente de edificação em prol de sujeitos críticos e conscientes de seus papéis na cadeia cíclica da indústria criativa de conteúdos. De modo que os coordenadores envolvidos nesse projeto entendem que são as ações de discussões e produções continuadas de pesquisa e a extensão e seus meandros conexos as estratégias mais assertivas e as que podem prover resultados mais profícuos a médio e a longo prazo.

Assim, os agenciamentos realizados a cada workshop oferecido como curso de extensão aos alunos graduandos; as premissas tratadas por/com especialistas convidados sobre quais as melhores formas de abordar os temas da agenda 2030 de modo a sensibilizar os impactados sobre as configurações das desinformações e mesmo as dinâmicas executadas nas rodas de conversa com os secundaristas envolvendo, ferramentas didáticas, como jogos e simuladores, cada uma dessas ações podem render muito mais do ponto de vista de como se reverbera a posteriori em cada um desses sujeitos, como por exemplo o aprimoramento das contribuições individuais, do que uma expectativa de resultado imediato pelas ações implementadas para o projeto. Entendendo, portanto, essa perspectiva, como a formação continuada de uma mentalidade sobre a importância de se construir comunidades epistêmicas de luta por uma sociedade mais justa, pacífica e “imunizada” de campanhas nocivas de desagregação e desinformação com respeito a temas essenciais, como são os da Agenda 2030 da ONU, mas também os que mobilizam a atmosfera política do tempo presente. A inoculação, portanto, começa, primeiramente, com a autoconscientização dos envolvidos no projeto e o aprimoramento de seus objetivos enquanto sujeitos participantes.

## **CONSIDERAÇÕES EM CURSO**

O relato do estudo em andamento leva em conta ao menos quatro iniciativas que se engendraram independentemente uma da outra, mas que culminaram no Projeto de Pesquisa denominado: “Rede de combate à desinformação nas escolas públicas: educação política para proteção e projeção da Agenda 2030”. Esse projeto, resultado de uma parceria entre a Rede Conecta de Combate à Desinformação e Grupo de Pesquisa O2PAD (Observatório da Opinião Pública na Arena Digital), da Universidade Federal de Uberlândia, faz um chamamento à frente de trabalho, outras duas propostas distintas: 1) A implantação da Agenda 2030 nas universidades, por meio de ações (no caso desse projeto, de extensão) que auxiliam na promoção dos objetivos do desenvolvimento

sustentável (ODS) da ONU; 2) O programa de educação tutorial da Faculdade de Educação da UFU (PET-Educomunicação), que realiza, todos os anos, ações que promovem a leitura crítica da comunicação nas escolas públicas, dentro do Programa UFU nas escolas. Para conjugar ambos os esforços, considerando também que a proponente é simultaneamente membro do Comitê Gestor dos ODS na Universidade; e tutora do PET Educomunicação, estabeleceu-se um conjunto de ações que pudessem ser implantadas como atividade transversal ou complementar no ensino médio das escolas públicas, inicialmente locais, mas que, posteriormente, pudessem ser replicadas a qualquer escola pública do país. Assim, foi possível elaborar um rol de ações extensionistas capazes de ter como pautas prioritárias os temas da agenda 2030, mas trazendo como prioridade a questão da deformação das opiniões articulada por campanhas de desinformação.

Chamado de esquema programático, o conjunto de ações prevê desde a sensibilização por meio de rodas de conversa, até a gravação de mídias audiovisuais de curta duração, tratando de conteúdos educativos, em forma de “pílulas” informativas ou “pitch”. A Rede Conecta, que possui parceria com o canal de TV do Youtube 247 é uma das organizações que pode alavancar esses conteúdos, que estão sendo roteirizados e serão produzidos por graduandos da UFU.

Até o momento apenas a primeira etapa do esquema programático foi implementada. O grupo de pesquisa realizou um minicurso de treinamento com alunos graduandos de jornalismo e de pedagogia para tratar sobre o quanto as tecnologias favorecem a disseminação, mas também o combate à desinformação. Outro objetivo do minicurso foi pacificar o entendimento a respeito do papel do Pré-bunking em ações intervencionistas e de que forma essa abordagem pode chegar às escolas. Há um esforço de articulação de alguns pesquisadores do Grupo de Pesquisa no sentido de coletar resultados de outras experiências no âmbito da Educação Política, como elemento fundamental para identificação e conscientização sobre campanhas de cunho político e ideológico. Uma das iniciativas que tem sido mapeada é a realizada pelo coletivo “Politize”. Outra estratégia que deve repercutir em resultados favoráveis é a elaboração de uma matriz com o respectivo detalhamento da metodologia de aplicação, de maneira que possa ser replicada a qualquer público em idade pré-adulta, não apenas em espaços

das escolas formais, mas também em espaços educativos coordenados por agentes da sociedade civil organizada.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALTAY, Sacha ; BERRICHE, Manon; ACERBI, Alberto. **Misinformation on Misinformation: Conceptual and Methodological Challenges**. Jan. 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/20563051221150412>. Acesso em 20 jul. 2023.

AZEVEDO, Fernando U. B. **O negócio sujo das fake news**. Entre no mundo lucrativo e antiético das FakeNews. Ebooks Kindle. TrendLabs Research Paper, 2017.

BADNEWS. From fake news to chaos! How bad are you? Get as many followers as you can. Getbadnews, 2022. Disponível em <https://www.getbadnews.com/pt/play> Acesso em: 10 jul. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Networks of Outrage and Hope Movements in the Internet Age**. Cambridge Polity, 2013.

COMPTON, Josh; VAN DER LINDEN; Sander; COOK, John; BASOL, Melisa. Inoculation theory in the post-truth era: Extant findings and new frontiers for contested science, misinformation, and conspiracy theories Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/spc3.12602> Acesso em 20 jul. 2023.

COSTA E SILVA, Karoline M. F; PRESSER, Nadi H. Contribuições da Teoria da Inoculação e o papel didático da gamificação como ferramenta de combate à desinformação política. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, e-124379, 2023. <https://doi.org/10.19132/1808-5245.29.124379>

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri-SP: Faro Editorial, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2009, Paz e Terra

FUCHS, Christian. **Social Media**: A critical Introduction. Londres, Sage: 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUESS A., et al. “Fake news” may have limited effects beyond increasing beliefs in false claims. Harvard Kennedy School Misinformation Review. <https://doi.org/10.37016/mr-2020-004>.

---

HOVLAND, Carl I.; JANIS, Irving L.; KELLEY, Harold H. **Communication and Persuasion: Psychological Studies of Opinion Change.** Yale University, 1964.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública.** 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

NAÇÕES UNIDAS – BRASIL. **Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no Brasil.** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>

QUEIRÓZ, Eliani de F. Covem. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. In: **PANORAMA.** Goiânia, v. 7, n. 1, p. 2-5, jan./jun. 2017.

**RESIST 2.** UK, Government Communication Service. Counter-disinformation toolkit. Disponível em: <https://gcs.civilservice.gov.uk/> Atualizado em 11 de janeiro de 2022.

ROOZENBEEK, Jon; VAN DER LINDEN, Sander. **Inoculation theory and misinformation.** Riga: NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2021

VANDEN, Harry E.; FUNKE Peter N.; PREVOST Gary (eds). **The New Global Politics: Global Social Movements in the Twenty-First Century.** London and New York: Routledge, 2017.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Thinking about ‘information disorder’: formats of misinformation, disinformation, and mal-information.** In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (org.). Journalism, ‘fake news’ & disinformation. Paris: UNESCO, 2018. p. 43-54

UNESCO. Jornalismo, 'Fake News' e Desinformação: Um Manual para Educação e Formação em Jornalismo. Disponível em: <https://en.unesco.org/fightfakenews>